

**ACESSIBILIDADE CULTURAL E
A LEI PAULO GUSTAVO**

Lei Complementar (LC) nº 195/2022

Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros foi ator, humorista, diretor, roteirista e apresentador. Nasceu em Niterói, Rio de Janeiro, no dia 30 de outubro de 1978. Ele morreu de Covid-19, em 4 de maio de 2021. Quanta falta... Fez-se artista entre palcos e risos: teatro, televisão, cinema. Luzes, sobre os improvisos espirituosos. Câmeras, sobre a alegria farta e gratuita. Ação! sobre os gestos mais generosos. Paulo Gustavo, presente, em cada projeto, cada ação, em cada pessoa fazedora de Cultura no Brasil. É lei!

EXPEDIENTE

GOVERNADOR DO ESTADO DO CEARÁ
Elmano de Freitas da Costa

VICE-GOVERNADORA DO ESTADO DO CEARÁ
Jade Afonso Romero

SECRETÁRIA DA CULTURA
Luisa Cela de Arruda Coelho

SECRETÁRIO EXECUTIVO DA CULTURA
Rafael Cordeiro Felismino

SECRETÁRIA EXECUTIVA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO INTERNA
Gecióla Fonseca Torres

CHEFE DE GABINETE
José Viana Lavor Junior

ASSESSORIA JURÍDICA
Vitor Melo Studart

ASSESSORIA DE CONTROLE INTERNO E OUVIDORIA
Renata Nunes Pereira Melo

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO
Elídia Vidal Brugiolo
Thais Martins Bezerra

ASSESSORIA DE PROJETOS ESPECIAIS E COORDENAÇÃO DA LEI PAULO
GUSTAVO NO CEARÁ
Valéria Márcia Pinto Cordeiro

COORDENADORIA DE PATRIMÔNIO CULTURAL E MEMÓRIA
Jéssica Ohara Pacheco Chuab

COORDENADORIA DE POLÍTICA PARA AS ARTES
Selma Maria Santiago Lima

COORDENADORIA DE FORMAÇÃO LIVRO E LEITURA
Ernesto de Sousa Gadelha Costa

COORDENADORIA DE CINEMA E AUDIOVISUAL
Camila Vieira da Silva

COORDENADORIA DE DIVERSIDADE ACESSIBILIDADE E CIDADANIA
CULTURAL
Rosana Marques Lima

COORDENADORIA DA REDE PÚBLICA DE EQUIPAMENTOS CULTURAIS DO
CEARÁ

Caio Anderson Feitosa Carlos

COORDENADORIA DE ECONOMIA CRIATIVA E FOMENTO CULTURAL

Raquel Santos Honório

COORDENADORIA DE ARTICULAÇÃO REGIONAL E PARTICIPAÇÃO

Francisco Fábio Santiago

COORDENADORIA DE DESENVOLVIMENTO INSTITUCIONAL E
PLANEJAMENTO

Patrícia Maria Apolônio de Oliveira

COORDENADORIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA

Débora Varela Magalhães

COORDENADORIA DE TECNOLOGIA DA INFORMAÇÃO E GOVERNANÇA
DIGITAL

Everton Krystian Vieira Rodrigues

INSTITUTO MIRANTE DE CULTURA E ARTE

DIRETOR-PRESIDENTE

Tiago Santana

DIRETOR EXECUTIVO

João Wilson Damasceno

DIRETOR ADMINISTRATIVO E FINANCEIRO

Flávio Jucá

ASSESSORA DE AÇÃO CULTURAL

Camila Rodrigues

ASSESSORA DE POLÍTICAS AFIRMATIVAS E ARTICULAÇÃO COMUNITÁRIA

Dione Silva

ASSESSORA DE COMUNICAÇÃO

Fernanda Cavalli

ASSESSORA DE FORMAÇÃO

Iana Soares

ASSESSORA DE GOVERNANÇA

Jessika Moreira

ASSESSOR DE TECNOLOGIA E INOVAÇÃO

Márcio Braga

GERENTE ADMINISTRATIVO FINANCEIRO

Charlene Régis

ASSESSORA DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Juliana Marinho

GERENTE DE DESENVOLVIMENTO HUMANO

Vinício Brígido

GESTÃO EXECUTIVA DA LEI PAULO GUSTAVO NO INSTITUTO MIRANTE

COORDENAÇÃO EXECUTIVA

João Wilson Damasceno
Camila Rodrigues

COORDENAÇÃO DE FORMAÇÃO

Iana Soares

GERENTE DE PROJETOS

Lindrielli Rocha

ASSISTÊNCIA EXECUTIVA

Renata Maia Ponte

TEXTO E PESQUISA

Daina Leyton

EDIÇÃO

Gabriela Sampaio Dourado

DESIGN EDITORIAL

Allyson Reis e Sidney Marcos

DIAGRAMAÇÃO

Wanessa Rodrigues

REVISÃO

Coordenadoria de Diversidade, Acessibilidade e Cidadania Cultural da Secretaria da Cultura do Ceará

ÍNDICE

1. Acessibilidade Cultural	8
2. Vamos refletir	9
3. Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência	10
4. O que é a equiparação de oportunidades na vida cultural?	11
5. A equiparação de oportunidades é suficiente?	12
6. Os conceitos para acessibilidade cultural:	13
6.1 Acessibilidade Transversal:	13
6.1.1 Direito de ir e vir.	13
6.1.2 Acessibilidade comunicacional:	14
6.1.3. Envolvimento e formação de todas as pessoas que atuam num espaço ou ação cultural	14
6.1.4. A acessibilidade pensada desde o início:	14
6.1.5. Pessoas com deficiência em todos os espaços: na equipe, no palco, no público e em qualquer atuação.....	15
6.2 Acessibilidade atitudinal:	15
6.3 Anticapacitismo:	15
6.4 Acessibilidade estética:	17
6.5 Recursos de acessibilidade:	17
6.6 Cultura Def	17
7. Como realizar proposições culturais acessíveis?	19
7.1 Imagens	19
7.2 Conteúdo verbal/Diálogos	20
7.3 Textos	20
7.4 Espaço	21
7.5 Interdependência.....	23
8. Exemplos de acessibilidade cultural em linguagens artísticas.....	24
8.1 NO AUDIOVISUAL:.....	24
8.2 NA MODA:	26
8.3 NO DESIGN	26
8.4 ARTE E CULTURA DIGITAL / JOGOS	27
8.5 TEATRO E OUTRAS LINGUAGENS	27
8.6 Áreas técnicas: Produção cultural, Gastronomia e cultura alimentar.	29
9. GLOSSÁRIO:.....	31

1. Acessibilidade Cultural

A participação na vida cultural é um direito de qualquer pessoa. As pessoas com deficiência devem ter esse direito assegurado, com equiparação de oportunidades.

Isso vale para todas as dimensões de uma experiência cultural e artística:

- fruição
- visitação
- participação
- criação
- difusão

2. Vamos refletir...

A nossa sociedade tem a maioria de seus espaços estruturados para a corponormatividade: : um corpo com uma altura média, que se locomove com as duas pernas, enxerga com os olhos, ouve com os ouvidos e neurologicamente típicos (neurotípicos). .

Nossas escolas, instituições, ambientes de trabalho, bens culturais, transportes e espaços públicos não foram pensados considerando as diferenças e a diversidade.

Mas as pessoas são diferentes.

As maneiras de se locomover, acessar as coisas, compreender conteúdos e construir sentido são variadas. Os corpos das pessoas são diferentes O que nos caracteriza como humanidade é a nossa singularidade e a nossa diversidade.

- O discurso de "normalidade" é uma construção social que gera exclusão.

Se todas as pessoas são singulares, somos então igualmente diferentes?

Não. É importante compreender que a deficiência é um marcador social. Pessoas com deficiência têm seus direitos fundamentais violados todos os dias. Precisamos ter consciência disso para desenvolver a acessibilidade cultural. A educadora cega Camila Alves, que vive com cão guia, pergunta: você precisa andar com a LBI (Lei Brasileira de Inclusão) no bolso, para ter seus direitos mais básicos assegurados? Como, por exemplo, poder entrar num espaço cultural com um cão guia? Ou chegar num debate e saber se haverá interpretação em Libras? Muitas pessoas com deficiência precisam.

- As pessoas com deficiência têm o direito de acessar qualquer bem cultural. Precisamos repensar as maneiras que as manifestações e atividades artísticas são realizadas e se elas são acessíveis para todas as pessoas.

A falta de conhecimento e convivência com as pessoas com deficiência gera muitas dúvidas...

Qual a nomenclatura correta? Quais são as deficiências?

Você pode tirar dúvidas e acessar mais informações na Cartilha de Acessibilidade Atitudinal realizada pelo Centro Cultural Bom Jardim (CCBJ), com organização do artista e assessor de acessibilidade Def João Paulo Lima e da artista e produtora Def Jessica Teixeira.

[acesse aqui a Cartilha de Acessibilidade Atitudinal](#)

3. Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência

ARTIGO 30:

Participação na vida cultural e em recreação, lazer e esporte:

Os Estados partes reconhecem o direito das pessoas com deficiência de participar na vida cultural, em igualdade de oportunidades com as demais pessoas, e tomarão todas as medidas apropriadas para que as pessoas com deficiência possam:

- a) Ter acesso a bens culturais em formatos acessíveis;
- b) Ter acesso a programas de televisão, cinema, teatro e outras atividades culturais, em formatos acessíveis; e
- c) Ter acesso a locais que ofereçam serviços ou eventos culturais, tais como teatros, museus, cinemas, bibliotecas e pontos turísticos, bem como, tanto quanto possível, ter o acesso a monumentos e locais de importância cultural nacional.

4. O que é a equiparação de oportunidades na vida cultural?

É garantir que:

- A pessoa com deficiência possa saber as formas de acesso ao local onde acontece a atividade cultural;
- Qualquer pessoa possa ir e vir e realizar o que deseja com conforto, segurança e autonomia nos espaços culturais;
- Exista acessibilidade aos conteúdos comunicados por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), legendas em português, audiodescrição, fonte ampliada, Braille, comunicação alternativa, linguagem simples e guias-intérpretes para pessoas surdocegas;
- Existam orientações e informações de fácil acesso , recursos sensoriais, espaços e atividades que considerem e respeitem a neurodiversidade;
- A equipe que trabalhe em cada espaço ou programação cultural tenha formação em acessibilidade atitudinal.

5. A equiparação de oportunidades é suficiente?

Não. A equiparação de oportunidades é o primeiro passo. É o cumprimento dos direitos fundamentais das pessoas com deficiência.

Possibilitar o acesso é primordial, mas há outras iniciativas essenciais na acessibilidade cultural:

- a acessibilidade estética, a divulgação das produções de artistas com deficiência, e a consciência e difusão da cultura def e das culturas surdas.

Para promover a acessibilidade cultural, precisamos compreender que:

- Assegurar a participação cultural significa cumprir a legislação e assegurar os direitos fundamentais das pessoas com deficiência;
- Compreender que é na convivência que aprenderemos mais sobre o modo de ser de cada pessoa: Nada sobre nós sem nós;
- Qualquer manifestação cultural ou proposição artística deve contemplar e celebrar as singularidades e a diversidade;
- Nos espaços de cultura, educação e lazer, devemos experimentar e promover criações, para contribuir na transformação da realidade excludente na qual vivemos.

LBI: Lei Brasileira de Inclusão

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm

6. Os conceitos para acessibilidade cultural:

Partimos da questão: como podemos garantir a participação e assegurar os direitos culturais das pessoas com deficiência?

- 6.1 Acessibilidade Transversal;
- 6.2 Acessibilidade atitudinal;
- 6.3 Anticapacitismo;
- 6.4 Acessibilidade estética;
- 6.5 Recursos de acessibilidade;
- 6.6 Cultura Def.

6.1 Acessibilidade Transversal:

A acessibilidade deve estar em todas as dimensões de uma experiência artística e cultural.. Isso significa que num equipamento cultural, por exemplo, todas as pessoas que ali trabalham devem buscar conhecer e realizar suas ações de forma acessível.

A acessibilidade nunca deve ser responsabilidade exclusiva de uma determinada área:

o espaço, a comunicação, a atitude das pessoas, a forma na qual um conteúdo é disponibilizado, ou que uma proposição é realizada -> todos devem promover uma cultura do acesso.

6.1.1 Direito de ir e vir.

Todas as pessoas devem ter assegurado o seu direito de ir e vir com conforto, segurança e autonomia. Esses são princípios do Desenho Universal, que tanto a arquitetura do espaço, como seus mobiliários, devem seguir. Você pode também consultar a [ABNT NBR 9050](#)

Espaços que possibilitam que todas as pessoas possam realizar o que desejam são espaços mais acolhedores para todo mundo.

É fundamental também que as formas de acesso estejam divulgadas de maneira fácil e acessível:

- transporte público
- estacionamento acessível
- piso podotátil
- programações com acessibilidade comunicacional como Libras, [legendas](#), [audiodescrição](#), Braille, comunicação alternativa, espaços multissensoriais ou com menos estímulos sensoriais.

Saiba mais: Tem dúvidas sobre como tornar ou como avaliar se um espaço é acessível?

Assista à palestra ["Cultura Material e Acessibilidade Arquitetônica" c/Silvana Cambiaghi, Osvaldo Emery e Paula Geórgia"](#)

6.1.2 Acessibilidade comunicacional:

Libras, legendas, Braille, audiodescrição e linguagem simples são alguns exemplos de recursos que promovem uma comunicação acessível.

É importante ter atenção à forma que os conteúdos estão escritos. Devemos buscar escrever de forma simples e de fácil compreensão.

As informações dos espaços devem ser fáceis e intuitivas por meio de sinalizações e textos simples.

Para algumas pessoas, acessar orientações dessa forma é mais confortável do que ter que perguntar às equipes;

Para outras, pode ser melhor ter o contato pessoal. Devemos oferecer possibilidades!

#pratodomundover #adnotextoalternativo ---> nas redes sociais e demais meios de divulgação, é importante contemplar a descrição das imagens no texto alternativo ou na descrição dos posts. Lembre também da Libras e legendas nos vídeos!

Saiba mais: Você conhece o Movimento Web para todos? [Conheça aqui!](#)

6.1.3. Envolvimento e formação de todas as pessoas que atuam num espaço ou ação cultural

É fundamental promover formações continuadas com as equipes que atuam nas ações culturais: artistas, equipe técnica, equipe de receptivo, segurança, limpeza... Para tanto, há serviços especializados de consultoria em acessibilidade cultural.

Atente, porém, se essas consultorias trabalham com pessoas com deficiência. De novo: Nada sobre nós sem nós.

Importante também conhecer instituições e espaços que trabalham com pessoas com deficiência, convidar para a programação e compartilhar experiências.

Saiba Mais: Na Mesa "[Formação e Difusão: Acessibilidade como uma premissa que envolve os trabalhadores da cultura](#)" você pode acompanhar depoimentos e exemplos de pessoas que foram se envolvendo em formações transversais entre consultores, artistas e produtores.

Essas formações visam garantir o que chamamos de acessibilidade atitudinal, que abordaremos adiante.

6.1.4. A acessibilidade pensada desde o início:

Se a acessibilidade for pensada desde o início de uma criação artística, as produções podem ficar mais interessantes e sensíveis, realizadas de maneira cativante para todas as pessoas.

Por exemplo:

- Uma interpretação em Libras artística, que contracenar junto com artistas;
- Uma descrição dos aspectos visuais de uma cena integrada no próprio roteiro do espetáculo, dita por quem está no palco ou na tela;
- Recursos sensoriais agradáveis, que podem contribuir na autorregulação de pessoas autistas e que são interessantes para todas as pessoas;

- Uma linguagem mais democrática e acessível;

Se a acessibilidade for pensada só depois de uma obra ficar pronta, como um anexo posterior, há grandes chances de ela ficar mais artificial e discrepante da linguagem artística.

Questione-se:

Uma banda musical com figurino leve e colorido, e um intérprete de Libras vestido de preto no canto do palco... Qual experiência estética que a pessoa surda terá?

Uma produção audiovisual com grande teor de suspense, repulsa ou prazer, com uma audiodescrição com uma locução monótona ou não sincronizada com a paisagem sonora ou diálogos do filme;

Uma réplica tátil de uma obra de arte visual realizada de forma reduzida, com materiais que não produzem sentido na fruição;

Uma situação artística com excessos de estímulos que podem ser repulsivos, na qual o público não teve acesso a informações anteriores para ter o direito de escolha se quer participar da experiência ou não;

Um texto curatorial escrito numa linguagem distante da maioria das pessoas.

6.1.5. Pessoas com deficiência em todos os espaços: na equipe, no palco, no público e em qualquer atuação.

As pessoas com deficiência não são só público. São artistas! São trabalhadoras da cultura. São gestoras culturais. Elas devem estar em todos os espaços.

6.2 Acessibilidade atitudinal:

É a acessibilidade que diz respeito a atitude das pessoas. É pela acessibilidade atitudinal que se naturaliza a presença de pessoas com deficiência em todos os âmbitos e lugares culturais.

Pessoas com deficiência devem ter o direito de acessar e participar de qualquer manifestação cultural com equiparação de oportunidades.

A pessoa com deficiência não deve ser excluída de um espaço, nem parabenizada por estar nele.

Ao mesmo tempo que barreiras inviabilizam a participação cultural e violam direitos, a assistência excessiva, elogios e discursos de superação estigmatizam a pessoa.

6.3 Anticapacitismo:

A cultura tem grande potencial de transformação social. Produções artísticas anticapacitistas são portanto fundamentais e necessárias.

O que é capacitismo?

Capacitismo é o conjunto de preconceitos e a discriminação contra as pessoas com deficiência ou corpos que não estejam nos padrões estabelecidos pela corponormatividade.

E por que é importante ter um nome, como capacitismo, para esse sistema de preconceitos e opressões?

Quando compreendemos o que a expressão capacitismo significa, conseguimos olhar para a nossa realidade e perceber a quantidade de violações cotidianas que as pessoas com deficiência sofrem, sem poder usufruir de seus direitos fundamentais.

Ao tomar consciência dessa série de estigmas e violências, podemos também nos perguntar: qual a nossa contribuição nisso? O que podemos fazer para mudar essa realidade?

E onde está o capacitismo?

Nas barreiras físicas que impedem que as pessoas com deficiência possam ir e vir e realizar o que quiserem com autonomia;

Nas atitudes das pessoas que julgam o que a pessoa com deficiência pode fazer ou não: as barreiras atitudinais;

Na falta de acesso aos conteúdos de uma programação cultural;

Na falta de equiparação de oportunidades para as pessoas com deficiência: no ambiente escolar, de trabalho, espaços culturais e de lazer;

e em muitas outras situações...

E você? Já reparou nessas barreiras?

Mas como posso contribuir para uma realidade menos capacitista?

As atitudes e ações necessárias para esse combate envolvem as instituições, o poder público e todas as pessoas. O que você percebe que falta para uma realidade mais justa, plural e diversa? Como você pensa em desenvolver uma proposição artística que seja anticapacitista?

Dica: Esqueça e evite o cercadinho demarcado pela bipedia compulsória . O termo, cunhado pelo artista baiano Edu O., denuncia as iniciativas que podem ser consideradas positivas pelo olhar das pessoas bípedes, mas que mais reproduzem estigmas. Por exemplo:

Exemplos de ações que não são anticapacitistas:

Um festival "especial" só para pessoas com deficiência e instituições;

Um espaço reservado que seja longe e isolado;

Um debate sobre acessibilidade cultural só com pessoas bípedes, sem a representatividade de pessoas def;

Dias especiais e horários reduzidos para a visitação e participação de pessoas com deficiência.

Exemplos de ações que são anticapacitistas:

Uma programação artística com acessibilidade transversal;

Pessoas com deficiência em todas as instâncias de uma produção cultural;

Uma acessibilidade estética, pensada com artistas e com consultoria de pessoas com deficiência;

O fomento e difusão das culturas surdas;

O fomento e difusão da cultura def;

6.4 Acessibilidade estética;

A acessibilidade estética se refere à experiência sensível das pessoas. Para que ela aconteça, devemos compreender que a acessibilidade cultural não deve se resumir ao acesso às informações e à equiparação de oportunidades. Ela deve trazer também a dimensão da estesia, que articula a sensibilidade e a percepção, envolvendo o corpo em sua totalidade:

- emoção
- percepção
- intuição
- sensibilidade
- intelecto.

Nas palavras da pesquisadora de acessibilidade estética Camila Alves:

“uma coisa é uma ação tecnicamente acessível, que dá acesso à informação, outra coisa é o que se sente, ou não se sente, ou se quer sentir esteticamente falando no sentido da surpresa, do espanto, da sensação, dos arrepios, da repulsa... como criar uma acessibilidade que seja da ordem do sensorial, do prazer, do desprazer, da pele, de dentro.. “

Se uma experiência artística toca e atravessa os corpos das pessoas, isso deve acontecer com todas as pessoas.

“O que afirmamos, portanto, é que a acessibilidade estética diz respeito a uma possibilidade de fruição de uma obra de arte que se faz de forma encarnada, vivida, experimental e experimentada” (ALVES, 2019).

6.5 Recursos de acessibilidade;

Existem vários recursos importantes para se promover a acessibilidade cultural.

Você pode conhecer por meio dos links disponibilizados aqui e por meio de consultoria com especialistas em acessibilidade cultural. Importante também estabelecer parcerias com instituições culturais e educacionais organizadas por e para pessoas com deficiência.

Entre esses recursos podemos citar: Legendas, Audiodescrição, [Braille](#), Fonte ampliada, [Linguagem Simples](#), Comunicação alternativa, [Desenhos roteirizados](#), entre outros...

6.6 Cultura Def

A Cultura Def diz respeito à identidade, potenciais e desafios que pessoas com deficiência passam numa sociedade estruturada de modo hegemônico e capacitista.

Tal como acontece com muitos grupos na sociedade, o reconhecimento pelos outros só vem com a autoconsciência dentro do grupo, de suas diferenças e seus pontos fortes.

“A Cultura Def tem a ver com apropriação de si e de sua condição como força, poder, orgulho de ser o que se é. E a partir disso, é no campo artístico produtora de conhecimento, produtora de estética e, conseqüentemente, produtora de uma ética” (Estela Laponni , 2023).

7. Como realizar proposições culturais acessíveis?

7.1 Imagens

A proposição artística tem imagens visuais? Como elas serão acessadas por pessoas cegas ou com baixa visão?

A acessibilidade para as pessoas com deficiência visual nos mostra como somos pautados pela visualidade, enquanto há muitas percepções possíveis, mas pouco exploradas.

Um recurso e tecnologia assistiva fundamental para a acessibilidade cultural é a audiodescrição..

Como escolher uma boa audiodescrição?

- Consulte os trabalhos já realizados pelo profissional.
- Escolha profissionais que tenham atuação no campo artístico, que atuem com uma linguagem acessível para todas as pessoas, que tenham escuta e interesse em compartilhar o processo de realização da audiodescrição.
- Sempre cheque se o trabalho envolve a consultoria de pessoas com deficiência visual. Esse é um critério fundamental: Nada sobre nós sem nós.
- Importante considerar que a consultoria em audiodescrição requer um repertório específico. Não é qualquer pessoa com deficiência visual, mas sim pessoas com pesquisa e atuação em audiodescrição no campo cultural.
- Elabore uma dinâmica de aprovação dos conteúdos dos roteiros, antes de serem gravados. Assim não haverá risco de termos equivocados.

Dica: Evite o uso de voz sintetizada ou voz neural na audiodescrição, ou descrição de qualquer proposição artística. Prefira sempre a voz humana, que traz entonação e estilo de acordo com a obra artística.

Você sabia?

A audiodescrição é destinada principalmente a pessoas com deficiência visual (cegas ou com baixa visão), mas pode beneficiar a fruição de pessoas autistas, pessoas com deficiência intelectual, pessoas com dislexia e o público geral.

- Descrição artística:

Também é possível que a descrição seja realizada na própria criação artística, por exemplo, pelas pessoas que estão atuando em uma peça de teatro, pela própria banda que faz um espetáculo musical...Uma proposição de descrição artística.

Mas como saber o que descrever, e se fará sentido?

O processo pode e deve ser realizado com consultoria de uma roteirista de audiodescrição. Por exemplo, imagine uma pessoa cega consultora em audiodescrição trabalhando diretamente com a direção artística de um espetáculo. Esse contato gera uma troca potente para um roteiro de descrição alinhado com o espetáculo!

- Quais outras formas de acesso além da audiodescrição para conteúdos visuais?

- Recursos sensoriais para a fruição pelo tato ou por outros sentidos como:
- pranchas em relevo
- materiais em três dimensões: diferentes texturas para experimentação, aromas, sabores...

Isso não significa proporcionar experiências sensoriais aleatórias: é preciso que haja conexão com a proposição artística.

*Para tanto, é fundamental haver uma pesquisa, um diálogo com as pessoas autoras das obras e com pessoas consultoras com deficiência.

7.2 Conteúdo verbal/Diálogos

A proposição artística tem conteúdo verbal, diálogos? Como ela será acessada por pessoas surdas, ensurdecidas ou surdocegas?

Contar com a Língua Brasileira de Sinais (Libras) em qualquer proposição artística é um direito linguístico da comunidade surda.

Mas nem todas as pessoas surdas são sinalizantes, ou fluentes em Libras. É essencial que também haja legendas em português (LSE: legendas para surdos e ensurdecidos):

- As legendas em português possibilitam o acesso de pessoas surdas não usuárias de Libras. E para as pessoas surdas usuárias de Libras a união da Libras com legendas em português proporciona conforto linguístico.

A LSE: Legendas para surdos e ensurdecidos, também chamadas de legendas descritivas, não apenas transcrevem diálogos, mas também fornecem descrições dos sons ambientes presentes em um filme, por exemplo.

E uma interpretação artística em Libras? Você sabia que existem intérpretes com pesquisa artística que podem atuar de forma transversal, junto com artistas? Que tal pensar a Língua Brasileira de Sinais (Libras) na direção artística? Isso envolve a concepção do figurino, maquiagem e posicionamento. Como uma língua visual-espacial, a Libras tem significativo potencial expressivo e poético. .

Por meio de pesquisas artísticas prévias, ensaios e criações colaborativas entre Tradutores-Intérpretes de Libras e artistas, é possível abrir caminho para uma experiência estética.

7.3 Textos

- A proposição artística tem texto?

Atente se o texto está escrito de forma acessível

- Você conhece a linguagem simples?

Ela é um movimento social e uma técnica de comunicação para tornar as informações mais compreensíveis por todas as pessoas. Para isso, usa processos linguísticos, como clareza e concisão, e a abordagem do Design, para reforçar e complementar visualmente a mensagem textual. Fonte:

<https://irislab.ce.gov.br/lei-linguagem-simples>

Dica: Nas legendas das exposições, folhetos de divulgação e outros materiais com texto, use fontes de tamanhos confortáveis, com contraste entre a fonte e o fundo. Considere o tamanho mínimo 16. Evite fontes itálicas, com serifa ou cursiva, pois o prolongamento das letras pode gerar confusão na leitura de algumas pessoas. Você pode também fazer textos com fontes ampliadas para pessoas com baixa visão.

Dica: Se organize também para produzir material em Braille como livros e outros materiais de leitura. Lembre do Braille também para legendas de obras táteis ou sensoriais.

7.4 Espaço

- Em que espaço será realizada a ação artística?

Busque espaços acessíveis, pois todas as pessoas têm o direito de participar.

Como avaliar se um espaço é acessível?

- Equipe capacitada para agir de forma proativa diante das diferentes demandas de acesso das pessoas com deficiência e mobilidade reduzida;
- Sanitários acessíveis com trocadores adaptados para pessoas com deficiência acompanhadas de crianças em cada andar da edificação, sempre destrancado e pronto para o uso;
- As rampas devem estar conforme as diretrizes da norma, cuidado especial com as inclinações excessivas;
- Os pisos e passarelas devem ser planos, lisos e antiderrapantes,
- A mobilidade nos espaços deve ser fácil, com corredores amplos;
- Todas as escadas e rampas devem ter corrimãos dos dois lados e com duas alturas para facilitar o uso por pessoas de baixa estatura;
- As portas devem ter largura suficiente para passagem de pessoas em cadeiras de rodas (manual e motorizada);
- Os balcões, bilheterias, mesas de apoio e telefones de serviços públicos devem estar a uma altura apropriada para pessoas em cadeiras de rodas;
- Assentos de descanso em quantidade adequada nos espaços de espera, convivência e exposição;
- Cadeiras de rodas e carrinhos motorizados para uso interno.
- Elevadores com botoeira em Braille e sinal sonoro.
- Pisos podotáteis para indicar obstáculos e direcionar rotas.
- Folhetos e mapas informativos do espaço, com informações em Braille e letras ampliadas.
- Sinalização de entrada e saída de acessos, sanitários e serviços claramente identificadas com corpo de letra grande com contraste, placas em Braille e pictogramas (sinais visuais).
- Iluminação nos espaços de circulação, leitura, exposição e salas multiuso suficientes para uma boa acuidade visual.
- Computadores para consulta e interação com teclado e software sintetizador de voz para pessoas com deficiência visual.
- Baia de descanso e potes de água para cães-guias.

Fonte: [Caderno Acessibilidades](#)

Saiba mais: Você pode se aprofundar mais no tema no curso gratuito, online e autoformativo:

[Arquitetura inclusiva e espaços culturais: da arquitetura à formação de público](#)

- O espaço é acolhedor e agradável?

Pense nas diferentes pessoas com corpos diversos que irão frequentar o espaço. Há locais de repouso, descanso? Bancos com boas alturas para pessoas com mobilidade reduzida ou idosas poderem sentar e se levantar?

- Você sabe o que é um canto quieto?

Um espaço muito ruidoso ou com excesso de estímulo visual pode ser muito nocivo para pessoas com maior sensibilidade sensorial.

O canto quieto é um espaço com som e iluminação mais amena, com conforto e tranquilidade, onde é possível descansar e se autorregular de sobrecargas sensoriais. Espaços como esses respeitam e celebram a neurodiversidade.

Quantos espaços calmos, ou cantos quietos, faltam na nossa realidade?

- Qual a facilidade de acesso e compreensão?

A clareza de informações e de sinalização, assim como textos escritos na linguagem simples, melhoram o acesso de qualquer pessoa e podem fazer toda a diferença na fruição artística de pessoas com deficiência intelectual ou neurodiversas.

- Há proposições multissensoriais?

A sociedade em que vivemos é extremamente pautada na visão e na audição. Muitas proposições artísticas também priorizam esses sentidos. Mas há muito mais a ser explorado.

No campo da acessibilidade cultural, seguir o caminho da multissensorialidade, das possibilidades poéticas e da experimentação é um posicionamento ético, estético e político.

Se todas as pessoas têm um corpo e percebem, vivenciam e expressam as questões do mundo por múltiplos sentidos, por que priorizamos alguns sentidos em detrimento de outros?

Uma experiência artística que toca e atravessa os corpos traz a dimensão da estesia, que articula a sensibilidade e a percepção, envolvendo o corpo em sua totalidade: emoção, percepção, intuição, sensibilidade e intelecto.

Devemos compreender, porém, que elaborar proposições artísticas com acessibilidade estética não significa promover apelos sensoriais excedentes e gratuitos. É necessário refletir o que se busca em tal proposição artística para pensar nos recursos sensoriais.

7.5 Interdependência

Há pessoas que contam em seu cotidiano com acompanhantes e cuidadores, que devem também participar das atividades culturais. Podem ainda auxiliar na comunicação ou contextualização.

Mas, devemos priorizar a comunicação direta com a pessoa que entra em contato conosco, não devemos nos dirigir somente a seus acompanhantes.

"O entendimento de que precisar de outra pessoa significa não ser autônomo é equivocado, afinal, não precisar de ninguém é uma demanda que não condiz com a vida: não existe ser humano que não dependa de alguém." (Camila Alves).

8. Exemplos de acessibilidade cultural em linguagens artísticas

A Lei Paulo Gustavo (Lei Complementar no 195, de 08 de julho de 2022) viabiliza o maior investimento direto no setor cultural da história do Brasil. Entre as mais diversas linguagens contempladas nos editais, é possível pensar em diferentes ações de acessibilidade cultural a serem implementadas nos projetos.

Trazemos aqui orientações de acessibilidade nas linguagens relacionadas à LPG, que podem também auxiliar em diferentes editais e projetos.

8.1 NO AUDIOVISUAL:

Instrução Normativa n.º 165, de 29 de setembro de 2022

GUIA PARA PRODUÇÕES AUDIOVISUAIS ACESSÍVEIS: Ministério da Cultura-Secretaria do Audiovisual

- Legendas:

As produções nacionais devem contar, impreterivelmente, com legendas em português. Essa é uma reivindicação antiga e estruturada da comunidade surda, e atualmente é lei.

- Não bastam só as legendas que traduzem os diálogos dos filmes. São necessárias também as legendas descritivas que dizem sobre os sons do filme : de chuva, gargalhadas ao fundo, uma trilha sonora de suspense ou qualquer outra informação sonora que seja relevante para experiência do espectador. Essa é a LSE: legendas para surdos e ensurdecidos.

Dica: Atenção ao contraste das legendas. Quando elas são de uma cor clara e a cena fica clara também, se perde a leitura. Dê preferência às legendas deslocadas da imagem, em uma moldura, ou com tarja.

O que mais?

A artista sonora surda Christine Sun Kim diz que pensa muito sobre legendas. Ela realiza uma minuciosa e poética descrição dos sons, sendo uma mulher surda artista sonora que pesquisa a materialidade e a visualidade dos sons. Esse é um exemplo de acessibilidade estética, nas palavras da artista:

- Se está na legenda descritiva apenas "música", isso diz pouco para quem assiste.
- Se for "música de violino", é um pouco melhor, mas ainda não é o suficiente.
- Se diz "música de violino melancólica" ela pode saber um pouco mais.
- Agora, uma descrição como: "música de violino melancólica que soa como uma pessoa chorando sozinha, num bar vazio" e assim segue...

(A realização dessa ação, no entanto, requer muita pesquisa e sensibilidade e deve ser debatida e criada junto com as pessoas autoras de cada obra, de forma que não descaracterize a narrativa e a estética da obra)

- Libras:

A língua brasileira de sinais também deve constar na produção audiovisual. Ela é a língua de toda uma comunidade e um recurso essencial para a fruição de produções audiovisuais. .

- Os aplicativos de tradução com avatares são úteis para algumas situações do cotidiano das pessoas surdas. Porém, a fruição de um filme com tradução realizada por avatar não é ideal. Priorize a tradução e interpretação realizada por intérpretes humanos.
- Escolha tradutores intérpretes de libras com atuação no circuito cultural. Isso conta na desenvoltura da interpretação e fará diferença na fruição do público surdo nos filmes.
- Priorize a contratação de pessoas tradutoras-intérpretes de Libras surdas. Geralmente elas trabalham com TILS ouvintes. Além da importância da representatividade, afinal a Libras é a primeira língua delas.

A Libras substitui as legendas e vice-versa?

Não. Há pessoas que usam mais a Libras e pessoas que usam as legendas, assim como as que usam ambas.

(formato saiba mais) Vamos pensar sobre isso? A disponibilização de equipamentos para ativar o modo Libras ou legendas também é obrigação dos espaços de cinema. Isso é um avanço. No entanto, a necessidade de acessar legendas pelo dispositivo em vez da tela pode ser desconfortável para pessoas surdas, que precisam alternar o olhar entre tela e equipamento. Um suporte que alinhe o dispositivo à tela é importante para o conforto. Idealmente, projetar Libras e legendas na tela do cinema seria a solução ideal.

O que mais?

Há muito a ser explorado em acessibilidade cultural em produções audiovisuais e cinemas, além da tradução em Libras. Você conhece a produção cinematográfica surda ou com atuação de surdes? <https://culturasurda.net/filmes/> Vale pesquisar. Que tal fomentar e difundir essas iniciativas?

- Audiodescrição no audiovisual:

É essencial que haja diálogo e colaboração entre os criadores ou diretores de produções audiovisuais e os profissionais responsáveis pela elaboração do roteiro de audiodescrição.

Escolha a voz e o estilo da audiodescrição de acordo com a proposição do filme, levando em conta:

- sotaque
- gênero
- entonação

- **Acessibilidade cultural em Linguagens artísticas diversas:**

Vamos pensar nas diferentes linguagens, com sugestões e exemplos do que pode ser feito.

Lembre-se sempre da acessibilidade transversal!

Ao permitir que artistas, equipes de criação, diretores e produtores interajam com consultores de acessibilidade cultural, especialmente pessoas com deficiência, durante o processo criativo, se ampliam as possibilidades para uma acessibilidade estética...

As orientações para o audiovisual aqui propostas também cabem em outras linguagens. Vamos de exemplos?

- Uma galeria ou sala expositiva:

É importante avaliar se recursos sonoros, como a audiodescrição, devem estar em som aberto, ou ser acessados por fones de ouvido. O excesso de estímulo sonoro com mistura de sons pode ser incômodo.

- Mas, se o incômodo for intencional na proposta artística?

Importante também saber que a previsibilidade e contextualização são importantes para o público poder escolher se quer participar. Providencie avisos que digam se há um estímulo de luz ou som, por exemplo.

Não se paute pela corponormatividade. Os corpos são diversos e devem ser considerados nas diferentes linguagens artísticas. Os cérebros das pessoas também são diferentes, assim como a forma que cada pessoa acessa ou vivencia uma experiência artística.

8.2 NA MODA:

Priorize peças fáceis de vestir:

Botões ou outros acessórios (como fecho eclair) requerem uma coordenação fina e, por isso, podem ser excludentes

Priorize botões de pressão mais fáceis de abotoar ou velcro para fechar as peças

- Suas peças consideraram texturas ou identificações que permitam às pessoas cegas o reconhecimento das cores?

A moda deve considerar a diversidade de corpos. Quais recursos são pensados para pessoas com nanismo, paralisia cerebral ou deficiência física?

Você sabia? Etiquetas podem ser extremamente incômodas para pessoas autistas. Há marcas que trabalham com vestuários sem elas ou que optam por confeccioná-las em tecidos com texturas agradáveis.

8.3 NO DESIGN

O design deve considerar a usabilidade de todas as pessoas, lembrando dos princípios:

- conforto

- segurança
- autonomia

Planejar e criar formas e texturas que facilitem atividades cotidianas das pessoas com deficiência.

Pensar o design como forma de acesso. Quais são os estudos possíveis de recursos assistivos, como objetos sensoriais e maquetes táteis? Esses são recursos preciosos para espaços culturais receberem com qualidade pessoas com deficiência visual, assim como pessoas com deficiência intelectual e pessoas autistas.

8.4 ARTE E CULTURA DIGITAL / JOGOS

A arte e cultura digital, assim como os jogos, devem considerar as várias formas de acessar um conteúdo:

- Descrição do que acontece
- adaptabilidade a softwares de leitura de tela
- linguagem simples
- orientações simplificadas e objetivas
- pistas visuais
- orientações e instruções em Libras

8.5 TEATRO E OUTRAS LINGUAGENS

Nas linguagens como Teatro, circo, teatro de bonecos, performance, humor, dança, música, literatura e dança encontramos diversas possibilidades de pesquisa e criação estética potentes de acessibilidade.

Exemplo:

A descrição do que está acontecendo em uma cena incorporada na fala das pessoas artistas no palco.

- Para tanto, é fundamental a consultoria de pessoas com deficiência visual qualificadas em audiodescrição. Elas poderão orientar e dar devolutivas sobre o que funciona e o que não.

Outro exemplo:

Pistas sonoras também são um recurso interessante.

- Uma porta batendo, uma garrafa derramando água num copo, são sons que podem ser compreendidos sem a necessidade de serem descritos.

(Assim como há sons que não serão reconhecidos por si só e que precisarão da descrição ou de uma audiodescrição contratada)

Saiba mais: algumas experimentações realizadas por artistas e coletivos que participaram do programa Zona de Criação, do Hub Cultural Porto Dragão, que contou com consultoria em acessibilidade cultural:

[Ed Borges e Tamara Lopes em "Num-Dengo"](#)

[Plataforma Lança de Cabocla em "Assombros e Travessias"](#)

*Note que nessas produções audiovisuais não há a audiodescrição das vinhetas de abertura, recurso que deve ser pensado e contemplado. E também algumas reflexões valem ser trazidas por ser o início de um processo:

"Para a maioria das e dos artistas envolvidos, foi a primeira experiência de trabalho com acessibilidade na criação. Assim, ainda há muito a ser aprimorado no processo. Pensar acessibilidade é uma postura de toda a equipe envolvida. Envolver todas as pessoas que trabalham com uma produção artística com a acessibilidade e contar permanentemente com a consultoria de pessoas com deficiência são iniciativas essenciais para que esse caminho seja possível."

Libras, tradução e interpretação artística:

Que tal pensar a Libras integrada no espetáculo? Há muito a ser explorado especificamente nessas linguagens artísticas no potencial poético e expressivo da Língua Brasileira de Sinais.

- Veja o espetáculo do grupo cearense Dona Zefinha, com a intérprete artística Naiane Olah:

[Dona Zefinha com a TILS Naiane Olah](#)

Repare na descrição realizada que incorpora a própria linguagem artística de teatro e humor. A banda Dona Zefinha realizou esse trabalho integrado com uma consultora com deficiência visual.

- Veja também como a cantora carioca Mãeana realiza espetáculos com Libras:

[Mãeana com a TILS Naiane Olah](#)

A intérprete está com figurino e maquiagem do espetáculo, no centro do palco interagindo com a cantora que, inclusive, em determinado momento, sai de cena e o destaque da atuação é de Naiane Olah.

Na música, é necessário que a(o)(e) intérprete tenha uma pesquisa artística, uma presença de palco e habilidades na dança.

- Um exemplo é a parceria da tradutora-intérprete artista Anne Magalhães com o músico Hélio Ziskind em seu show no Festival de Música da Ibiapaba.
- Ainda melhor quando se trabalha com tradutores-intérpretes surdes, como nessa tradução de Nayara Silva, Edinho Santos e Anne Magalhães.

Também é fundamental o estímulo e difusão do trabalho de musicistas com deficiência. Quantos artistas com deficiência há na sua programação cultural?

Parcerias e colaborações também devem ser recorrentes. Como no videoclipe realizado pelo cantor Gabriel Cheib (na época com 11 anos de idade), com Mãeana e Mestrinho: [Clipe Gabriel Cheib](#) É possível também realizar a audiodescrição de uma produção musical de forma sensível e alinhada com a música. Veja o [Clipe Gabriel Cheib com audiodescrição](#)

Se quiser assistir um material complementar, sugerimos a conversa [Música & Prosa com Mãeana, Bem Gil, Naiane Olah e Mestrinho | 16º Mi - Festival Música da Ibiapaba](#) e também a [Palestra "Música e Acessibilidade" | 16º Mi - Festival Música da Ibiapaba](#)

A linguagem do humor também deve contagiar as descrições realizadas, assim como a Libras.

Imagine se faz algum sentido assistir a um espetáculo humorístico com uma audiodescrição séria?

A descrição do que acontece no espetáculo pode ser integrada e realizada pelos próprios artistas ou comediantes, com consultoria de pessoas com deficiência visual. Fundamental também que a interpretação em Libras deve ser realizada por uma pessoa profissional que também tenha expressividade e jogo de humor.

Humor com teor capacitista: apenas, não! (assim como racista, misógino ou lgbti+fóbico)

- Além de não terem graça, as ofensas e injúrias contra grupo minorizados* são delitos graves e há legislação que ampara e protege contra esse tipo de violência.

“Grupos minorizados” não se refere à questão numérica, mas sim à questão de acesso às oportunidades e permanência nos espaços de direito. Você pode saber mais sobre acessando nossa cartilha sobre Políticas de Ações Afirmativas

8.6 Áreas técnicas: Produção cultural, Gastronomia e cultura alimentar.

A produção cultural tem função estratégica no desenvolvimento de uma acessibilidade transversal.

- Promova conversas entre pessoas com deficiência atuantes no campo cultural e a equipe de produção cultural. Muitas perguntas e ideias podem surgir nesses encontros.
- Pense em todas as etapas da produção: a divulgação, o espaço, a equipe receptiva, os materiais
- Você pode acessar a playlist das aulas realizadas no programa de formação nas artes técnicas [Faz a cena](#) realizada em 2021 pelo Hub Cultural Porto Dragao.

Na gastronomia e cultura alimentar é importante considerar as formas de acessar os conteúdos sobre as comidas e as diferentes maneiras de se alimentar.

- Disponibilizar cardápios em Braille, descrições e narrações em áudio, imagens dos alimentos e orientações fáceis.
- Mobiliários (mesas e cadeiras) com altura e estrutura confortáveis e acessíveis
- Espaços reservados e de fácil acesso para pessoas com deficiência e seus acompanhantes
- Talheres e louças que oferecem segurança e autonomia

Exemplo:

Para pessoas com deficiência física ou mobilidade reduzida, pode fazer diferença para a sua autonomia uma refeição devidamente cortada, uma colher entortada, ou um copo maior com um canudo para tomar um suco ou café.

Dica: tenha utensílios de cozinha variados para disponibilizar para o público. Pergunte, aprenda na convivência. Naturalize outras maneiras de se alimentar que não seja a corponormativa.

Há muitas dimensões a serem exploradas num alimento além do seu sabor... Sua textura, aspectos sensoriais, história, cultivo, origem de produção, ser livre de veneno, entre outros fatores do alimento. Essas dimensões se relacionam com a acessibilidade cultural, pois dizem respeito a uma sociedade com justiça, equiparação de oportunidades e respeito à diversidade cultural.

9. GLOSSÁRIO:

Acessibilidade Transversal

Compreende que a acessibilidade deve ser pensada desde o início de qualquer proposição cultural, e contemplar o espaço, a comunicação, e as atitudes. É uma cultura de acesso que envolve todas as pessoas, e não se limita a uma área específica em instituições. Exige compreensão e ação para a diversidade das pessoas com deficiência.

Audiodescrição

É um recurso que descreve e narra as informações visuais como: a descrição dos personagens, ambientes, linguagem corporal, figurinos, mudança de cena, entre outros. É possível audiodescrever materiais como vídeos, fotos, obras de arte, textos, apresentações, eventos culturais, esportivos, entre outros.

Bípedes

Quem faz parte da categoria de pessoas construídas dentro de padrões normativos de corpo. Conceito difundido pelo artista Def Edu O.

Capacitismo

É o conjunto de estigmas e preconceitos contra as pessoas com deficiência, ou qualquer pessoa que tenha um corpo diferente dos padrões estabelecidos como "normais". O termo se dissemina no Brasil em 2011, a partir do trabalho das antropólogas com deficiência Adriana Dias e Anahi Guedes de Mello, descrevendo a opressão sistêmica baseada na corponormatividade.

Cultura Def

Práticas sociais e artísticas das pessoas com deficiência, suas narrativas, poéticas e corporalidades diversas, expressas pelos diversos segmentos por meio de línguas, processos comunicacionais, e produção cultural própria.

Culturas Surdas

Diz respeito aos diversos aspectos culturais, históricos, políticos e linguísticos que envolvem ser uma pessoa surda. Culturas Surdas, no plural, como o reconhecimento da diversidade das pessoas surdas e de seus modos de estar no mundo, assim como das suas interseccionalidades.

Libras

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua com estrutura gramatical própria reconhecida em 2002 pela lei 10.436 como meio legal de comunicação e expressão de comunidades de pessoas surdas do Brasil. Diferente das línguas faladas, a Libras, assim como outras línguas de sinais de diferentes países, é um sistema linguístico de natureza gestual, visual e espacial.

Neurodiversidade

A neurodiversidade se refere às variações naturais no cérebro humano de cada pessoa em relação à sociabilidade, aprendizagem, atenção, humor e outras funções cognitivas. Termo criado pela socióloga Judy Singer e popularizado pelo jornalista Harvey Blume, ela se contrapõe a uma visão dominante que considera formas divergentes do cérebro funcionar como patológicas. O conceito da neurodiversidade

traz a consciência de que existem várias maneiras diferentes de os cérebros funcionarem, mas só uma maneira é priorizada e contemplada: os neurotípicos.

- Neurotípico é um neologismo ou abreviação de neurologicamente típico. Atualmente é utilizado para se referir à quem tem o cérebro estritamente típico e não tem nenhuma divergência neurológica como autismo, transtorno do déficit de atenção e hiperatividade ou dislexia. Em contraposição, as pessoas que não apresentam essa condição neurologicamente normativa dos neurotípicos, são chamadas de atípicas ou neurotípicas.

Tecnologias assistivas

Recursos que facilitam a realização de atividades diversas, contribuindo na autonomia da pessoa com deficiência. São diversas as tecnologias assistivas existentes, como a audiodescrição, o Braille, a Libras, programas leitores de tela, entre outros.